

SELEÇÕES EM FOLHA

Ano 1 Nº 10 ««««»» 10.10.97

Quando iô tava na minha tera
iô chamava capitão
chega na tera dim baranco
iô me chama – Pai João.

Quando iô tava na minha tera
comia minha garinha,
chega na tera dim baranco,
câne sêca co farinha.

Quando iô tava na minha tera
iô chamava generá,
chega na tera dim baranco
pega o cêto vai ganhá.

Dizofôro dim baranco
nô si pôri aturá
tá comendo, tá... drumindo,
manda negro trabaíá.

Baranco – dize quando môre
Jezucrisso que levou,
e o pretinho quando môre
foi cachaça que matou.

Quando baranco vai na venda
logo dizi tá, 'squentáro
nosso preto vai na venda,
acha copo tá viraro.

Baranco dize – preto fruta,
preto fruta co reção;
sinhô baranco também fruta
quando panha casião.

Nosso preto fruta garinha
fruta saco de fujão;
sinhô baranco quando fruta
fruta prata e patacão...

Nosso preto quando fruta
vai pará na coreção,
sinhô branco quando fruta
logo sai sinhô barão.

Lundu de Pai João, Artur Ramos (1903/1949)

Claro campo em deslimites
de arame farpado
onde pratico meus saltos mortais. Viveiro, Paulo Colina

Erma noite de lua. No terreiro,
a negra da se ajunta e faz mandinga,
invocando Xangô. Junto ao braseiro,
anima a roda o garrafão de pinga.

Punhais em cruz aos pés de Ogum-Guerreiro;
chifre queimado, pólvora, catinga...
E o Pai de Santo, um mina feiteceiro,
fala nagô, e pula, e dança, e ginga.

Um cafuzo – o cambondo da macumba –
no atabaque batuca, e o som retumba,
na melopéia bárbara do Congo.

E, enchendo a noite calma enluarada,
repercuta o tantá, na encruzilhada,
com a cadência monótona do jongo!
Luar e Candombé, Joubert de Araújo Silva (1915/1993)
Seleções Hermoclydes Siqueira Franco

Olho de vulcão
parseio pela cidade
meus abismos. Tranquilo, Paulo Colina

O medo que me acovarda
a tesoura que me retalha
e poda
o pilão que me soca e
mói e soca
sentirão
amanhã
minha força
reforçada
pelo punho do meu filho.
O Medo que Me Acovarda, Paulo Colina

Veç ou outra,
quando te beijo
com a garganta de terra
clamando por tempestade,
despencam pelas bordas estriadas

dos meu lábios
sopros mortos de negros sangues
sugados em torpores líquidos
borbulhando finas lâminas
e corpos rebeldes
de eternos canaviais. Poema Eitlico, Paulo Colina

“Levar um negro ao tronco
e cuspir-lhe na cara.
Levar um negro ao tronco
e fazê-lo comer bosta.
Levar um negro ao tronco
e sarrafiar-lhe a mulher.
Levar um negro ao tronco
e arrebentar-lhe os culhões.
Levar um negro ao tronco
e currá-lo no lixo.”
Algumas Instruções de Como Levar um Negro ao Tronco, Adão Ventura

“Leva
a lava leve de meu vulcão
pra casa
e coloca na boca do teu
se dentro do peito
afogado estiver de mágoa.

O fogo de outrora
do centro da terra
virá sem demora.

Porque não há
por completo
vulcão extinto no peito.”
Oferenda, Cuti

Olho de vulcão
parseio pela cidade
meus abismos. Tranquilo, Paulo Colina

Nossas bocas costuradas,
ponto a ponto,
com o fio delgado e transparente
da baba do engodo.
Capuzes pálidos de um medo compreendido,
mas nunca explicado,
desfilam cantando que o samba não tem cor.

E louvamos a liberdade
em enredos,
enquanto ao nosso lado
as sombras tremeluzentes
de todos os nossos avós
lutam para avivar
em nossa memória distraída
a chaga da sempre diária Quarta-Feira
de Cinzas.

Precisamos,
sim,
pendurar atrás da porta
esta fantasia transada
de paciência
que escora com alegorias
os nossos abrigos febris
até fevereiro do próximo ano. Carnaval, Paulo Colina

“Somos pivetes,
balconistas,
assaltantes,
e quantos mais
que de Palmares
nem ares
que de Palmares
só aís

helicópteros,
errepês,
patrulhas,
volks-w,
sobre favelas, baixadas,
vilas e areais,
metralhadoras,
trinta e oitos
pistolas e pontapés,
socos e beliscões.
Salve 20 de Novembro
eu, de Palmares,
nem os ares,
eu, de Palmares,
só os aís.”
Balada del que nunca fué a Palmares, Lourdes Teodoro

HAIJINS ARGENTINOS

Una vecina
en delantal y escoba
barre el otoño.
Liria Miyakawa

Rio Lujan
azulado de hortensias
clap, clap de remos.
Maria Haydee Aguilar Campos

Um rufar de rosas
roça os rapazes no baile.
Vestido de seda...
Clície Pontes

Mesma algarzarra nas salas...
Mesmo alvoroço no pátio...
Dia do Mestre!
Douglas Eden Brotto

HAIJINS ARGENTINOS

Esquina antigua
con un frío de tango
suena un CD.
Maria Haydee Aguilar Campos

Cierra el paraguas.
Deja que los colores
mojen tu cara.
Neri L. Mendiara



Igreja enfeitada
por flores de laranjeira.
Será casamento?
Djalda Winter Santos

Ao pé do viaduto,
um calouro mal pintado
com chapéu na mão.
Hidekazu Masuda Goga

HAICAIS DE PRIMAVERA

Casa em construção
buraco na parede
ninho de pássaros.
Carlos Roque Barbosa de Jesus

Natureza veste
das fortes cores vernais,
as flores... e mulheres!
Maria de Jesus Baptista de Mello

Bandeira hasteada
bandeira de crianças
Dia do Professor!
Cecy Tupinambá Ulhôa

À beira da estrada,
numa tapera paupérrima,
canta um canário.
Maria Reginato Labruciano

Pequenas gaivotas
deixam o ninho vazio.
Já sabem voar.
Djalda Winter Santos

A flor de laranja
se com tempo não cair
dará vários frutos.
Mauro Macedo Coimbra

Tempestade insólita
varre os ninhos da floresta,
menos João-de-Barro.
Fernando Lopes de Almeida Soares

Convite às abelhas
todo coberto de flor
o jacarandá.
Miguel Jorge Malty

Flores e gorjeios...
Mulheres passam alegres,
roupas coloridas.
Humberto Del Maestro

Flores brancas, brancas!...
Laranjeira centenária
brinda à vida.
Olíria Alvarenga

Ninho de pássaro
tanto afeto a gente vê
nesse doce lar!
João Batista Serra

No quintal dos fundos
na copa da pequena árvore,
flor de laranjeira.
Sueli Teixeira

Dia do Professor:
os pássaros que vão e vem,
e alguém apontando...
Leonardo Cezário dos Santos

Sob o jasmineiro,
aspiro o perfume no ar.
Sinto a primavera.
Therese Costa Val

Com brancas florinhas
noiva desliza na igreja.
Tradição de amor.
Leonilda Hilgenberg Justus

Na noite escura
noiva desliza: luzes e
flores de laranjeira!
Yara Shimada Brotto

Kigos para os três haicais a serem enviados

Até o dia 10.11.97:
Araponga, Flor de Goiabeira, Pipa;

até o dia 10.12.98:
Chuva de Primavera, Dia dos Finados, Semana do Livro.

Fazer um haicai é como tirar uma foto ou filme. Vemos o kigo (focalizamos), sentimos o que estamos vendo (fotografamos ou filmamos) e escrevemos (revelamos). O haicai deve ser narrado no instante da ocorrência e à vista do kigo (termo de estação), com 5-7-5 sílabas poéticas (sons) em cada um dos respectivos três versos, com sutilezas que o leitor perceberá por si mesmo, sem a aparente explicação do autor.

* Manoel Fernandes Menendez
Praça Marechal Deodoro 439, Apto. 132
01150-011 - São Paulo, SP

1. Preencher três haicais conforme cada conjunto de kigos acima, em uma única ½ folha de papel carta ou ofício, escrever o nome e o endereço e assinar. – * Envia-la normalmente pelo correio, com nome e endereço do remetente, até o dia 10 do mesmo mês. Os haicais não precisam ter, necessariamente, kigos diferentes do mês, isto é, pode-se repetir ou não quaisquer um deles nos três haicais.
2. Posteriormente o haicaista receberá, devidamente numerada, a relação dos haicais desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10 % deles.
3. O haicaista se compromete a enviar numa folha, até o último dia do mesmo mês, o resultado dessa sua seleção. A folha conterá, respectivamente, o nome do haicaista selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaixo do outro e centralizado, o número e o texto de cada haicai assim escolhido, sob pena de não o fazendo, perder os votos que venha a receber os haicais de sua autoria. Escusado dizer-se que na seleção não se escolherá haicais de própria lavra.
4. O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do dia 10 do mês seguinte.

Depois da geada
pedacinhos de cristais
quebrados ao sol.
Alba Christina Campos Netto

De repente branco,
o jardim envelheceu...
Geada nas flores.

Praça do subúrbio.
No velho ipê desfolhado,
brincos de ametista!
Humberto Del Maestro

Geada caindo...
Mendigo acende gravetos,
espantando o frio.

Pelo céu de agosto
ipês amarelos pintam
ouro sobre azul.
Alba Christina Campos Netto

Geada nos campos...
Nas folhas da plantação
não há pirilampus!...

Muita mexerica...
E apenas duas maduras
para três guriis.
João Batista Serra

No pomar fechado,
gurizada pula a cerca.
Mexerica à vista!

Gotas de cristal,
em noites de geada.
Jóia efêmera.
Nadyr Leme Ganzert

Geada inclemente!
Nas pradarias e estradas,
tapetes branquinhos.

Carregados galhos
vergam da cerca vizinha.
– Mexericas... grátis?!
Darly Oliveira Barros

Com dedos de orvalho
a geada esculpe flores
no ramo sem vida.

Madrugada fria.
A geada branqueou
o meu carro preto.
Maria Reginato Labruciano

Florada de ipê
me traz lembranças de infância
de antigos quintais.

Pepitas douradas
no pomar de mexericas...
Aroma a distância.
Humberto Del Maestro

Lavrador não dorme...
Além de pagar as dívidas,
mais está geada!

